

As aulas abertas de “próxima paisagem: escola de arte provisória” no Córrego do Bação: extensão universitária como um convite para desenhos em comum

The open classes of the “landscape that follows: temporary art school” at Córrego do Bação: outreach program as an invitation to drawing together

Fabíola Silva Tasca¹
Hélio Alvarenga Nunes²
José Márcio Lara³
Bernardo Corrêa⁴

RESUMO

O texto apresenta uma experiência extensionista realizada no Córrego do Bação, em Itabirito, Minas Gerais, pelo “3º Grupo próxima paisagem”, composto por artistas e extensionistas pesquisadores em visitação periódica a essa região minerária. O processo de elaboração e realização de um conjunto de aulas abertas de “próxima paisagem: escola de arte provisória” é apresentado em diálogo com o processo de pesquisa acadêmica acerca do conceito de paisagem, quando buscamos atualizar a noção fenomenológica estar-em-paisagem, por meio de uma prática compartilhada com os moradores do Córrego do Bação, de desenho ao ar livre. Com este texto, procuramos trazer aos leitores nosso entendimento acerca do poder emancipatório da arte e da educação, enquanto espaços para a emergência do comum. Procuramos também contemplar as dúvidas que experimentamos sobre o que a extensão universitária em artes pode alcançar no esforço de encontro com determinados contextos.

Palavras-chave: Extensão universitária. Desenho. Paisagem. Comunidade. Mineração.

ABSTRACT

The text presents a community engagement experience conducted at Córrego do Bação, in Itabirito, Minas Gerais, Brazil, by the “3rd Group *próxima paisagem* (The Next Landscape / The Landscape That Follows Group, in english)”, composed of artists and extensionist researchers periodically visiting this mining region. The text describes the development and implementation of a series of open classes for “próxima paisagem: escola de arte provisória” (temporary art school), engaging in a dialogue with the academic research process on the concept of landscape. In this, we seek to update the phenomenological notion of being-in-

¹ Doutora em Artes pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil, com período sanduíche na Universidade Nacional Autônoma do México; professora efetiva na Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil; artista e pesquisadora / PhD in Arts from the School of Fine Arts, Federal University of Minas Gerais, State of Minas Gerais, Brazil, with a sandwich period at the National Autonomous University of Mexico; effective professor at the Guignard School of the State University of Minas Gerais, State of Minas Gerais, Brazil; artist and researcher (fabiola.tasca@uemg.br).

² Mestre em Artes pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil; artista-pesquisador / Master degree in Arts, School of Fine Arts of the Federal University of Minas Gerais, State of Minas Gerais, Brazil; artist-researcher (dedalu@dedalu.art.br).

³ Doutor em Artes pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil; artista-pesquisador / PhD in Arts, School of Fine Arts of the Federal University of Minas Gerais, State of Minas Gerais, Brazil; artist-researcher (larajosemarcio@gmail.com).

⁴ Graduando em Artes Plásticas (Licenciatura) na Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil; artista-pesquisador / Undergraduate degree student in Fine Arts, Guignard School of the State University of Minas Gerais, State of Minas Gerais, Brazil; artist-researcher (bernardo.0393462@discente.uemg.br).

landscape through a shared practice with the residents of Córrego do Bação, involving outdoor drawing. With this article, we aim to convey to readers our understanding of the emancipatory power of art and education as spaces for the emergence of the common. We also seek to address uncertainties regarding the potential achievements of outreach programs in the arts in the effort to engage with specific contexts.

Keywords: Outreach program. Drawing. Landscape. Community. Mining.

O Bação

O Córrego do Bação é um bairro na periferia da cidade de Itabirito, Minas Gerais. O nome faz referência ao pequeno corpo d'água que banha a região e deságua no Rio Itabirito, afluente do Rio das Velhas. A localidade, para onde convergem questões entre o rural e o urbano, é responsável por parte do abastecimento de água da cidade e seu vale está envolto por remanescentes preservados da Mata Atlântica.

Mesmo sem ter um impacto destrutivo direto, atualmente, no Córrego do Bação, a presença da atividade das mineradoras é imediatamente notada por um trecho da Ferrovia do Aço que atravessa o vale em um pontilhão – sempre em evidência na paisagem. Ao menos para o forasteiro, a passagem do trem de carga, algumas dezenas de vezes ao dia e à noite, é um evento disruptivo, principalmente sonoro.

Para vários habitantes, entretanto, o apito e as composições ruidosas marcam o ritmo das próprias rotinas laborais nas atividades minerárias nas redondezas. Sob o pontilhão soçobram os restos de sua construção, e essa ruína marca a transição entre a área preservada mais alta, onde há fazendas e casas abastadas, e o fundo do vale, onde se concentram os trabalhadores, alguns em condições de vulnerabilidade social, convivendo com o córrego, nessa altura já poluído.

Nota-se clara afeição dos moradores à estrutura marcante do pontilhão, e ele parece ser um símbolo ambivalente do lugar: é uma presença estética poderosa, uma lembrança dos tão necessários empregos, mas também da possibilidade destrutiva da mineração. Mesmo não tendo sido área de risco, o rompimento das barragens em 2019 é muito lembrado pelos baçoeiros, principalmente porque o trem parou por vários dias após o desastre, o que gerou uma dupla insegurança: em relação ao trabalho e à possibilidade de algum desastre ali.

Figura 1 – Atravessando o pontilhão



Fonte: Fotografia de Mariana Isoni (2024).

Inclusive, a somente 14 km, está São Gonçalo do Bação, conhecido por suas belezas naturais e históricas e pela vida pacata, ameaçada recentemente, havendo este distrito se tornado notícia pelas investidas da indústria da mineração, que obteve, em 2022, autorização para instalação de terminal de minério a menos de 2 km de seu centro histórico⁵.

Os “Grupos próxima paisagem”

O “3º Grupo próxima paisagem” é constituído por cinco artistas e extensionistas pesquisadores, e faz visitas periódicas ao Bação desde maio de 2022, buscando diálogo com os habitantes no contexto de um projeto de extensão universitária planejado a partir do projeto “próxima paisagem: escola de arte provisória”, uma residência artística em curso desde 2014⁶.

O “1º Grupo próxima paisagem” foi uma residência artística sem vinculação formal com a universidade e atuou entre 2014 e 2018, concluindo suas visitas periódicas e seus trabalhos

⁵ Cf. Projeto Manuelzão (2023). No dia 4 de julho de 2023, comparecemos a uma audiência pública na Assembleia Legislativa de Minas Gerais que discutiu o impacto da mineração em São Gonçalo do Bação. Lá, percebemos forte animosidade entre os moradores, divididos entre aqueles que defendiam a preservação do modo de vida, da história e do meio ambiente contra os que acreditavam na importância do empreendimento para a geração de empregos.

⁶ O “Projeto próxima paisagem: escola de arte provisória” foi idealizado por Fabíola Tasca, que lançou no *Facebook*, em 2014, uma convocação para a constituição do “1º Grupo próxima paisagem”, e que segue participando e coordenando cada um dos três grupos constituídos até então. Fabíola frequenta a região do Córrego do Bação desde a década de 1980, uma vez que a família dela reside na região.

com uma feira de trocas de objetos e serviços na Associação Comunitária do Córrego do Bação. A constituição do “2º Grupo próxima paisagem”, em 2019, se deu como um projeto de pesquisa acadêmica vinculado à Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), e concluiu suas visitas e trabalhos endereçando às residências no Córrego do Bação uma caixa contendo os desdobramentos das pesquisas sob a forma de peças gráficas e objetos, em uma espécie de “devolução da experiência”. Ambos já tinham intenção extensionista expressa pelos esforços de diálogo e pelos convites à participação tanto das pesquisas individuais quanto das realizadas coletivamente, constituindo ações discretas nesse sentido ao longo do projeto e concluindo suas visitas com ações cuja premissa era a participação dos habitantes.⁷

Projetando

Apenas com a constituição do “3º Grupo próxima paisagem”, entretanto, tal intenção tomou a forma de um projeto de extensão institucional, com bolsa estudante e bolsa professora orientadora do Programa Institucional de Apoio a Projetos de Extensão da UEMG, PAEx edital 1/2022⁸. “Vida, paisagem e trabalho: ciclo de aulas abertas” partiu da escuta de um diálogo ocorrido na segunda edição da residência artística, quando um dos artistas residentes ouviu de um morador do Bação que a suspensão das viagens do trem de ferro, por ocasião do rompimento da barragem de Brumadinho, não teria sido bem-vinda, pela ameaça que representava aos empregos.

Tomamos o diálogo como revelador de determinadas concepções alicerçadas na ideia de natureza, compreendida, sobretudo, como fonte de matéria prima a ser explorada, como recurso infinito para a exploração humana, e de trabalho como emprego de tempo para prover o sustento indispensável. Com o projeto, nossa aspiração foi a de suscitar imagens alternativas para tais termos, buscando sensibilizar a respeito das qualidades da paisagem, a partir da arte e da educação em diálogo com “paisagem” como estar-em-paisagem. Para tanto, contamos com as contribuições de Tim Ingold (2015) e Ailton Krenak (2020), nos livros *Estar vivo* e *A vida não é útil*, entre outros autores.

Antes da aprovação do projeto de extensão, o 3º Grupo já estava vinculado a um projeto de pesquisa⁹. Nessa altura, nossa pesquisa acerca do conceito de paisagem estava bem refinada.

⁷ Para um arquivo dessas ações, cf. Próxima paisagem (2023).

⁸ Projeto “Vida, paisagem e trabalho: ciclo de aulas abertas de próxima paisagem: escola de arte provisória, no Córrego do Bação, em Itabirito, Minas Gerais”. PAEx/UEMG, Edital n. 1/2022.

⁹ Projeto “próxima paisagem: escola de arte provisória”. PIBIC/UEMG/FAPEMIG, Edital n. 5/2021.

Foram várias as perspectivas de estudo da paisagem com as quais nos envolvemos no campo teórico, a saber: a estética (a paisagem como projeção da cultura sobre a natureza); a geográfica (a paisagem como superfície de desenvolvimento da vida); a arquitetônica-urbanística (a paisagem como projeto humano sobre a Terra); e a fenomenológica (a paisagem como tomada de consciência sobre a indistinção entre o ser humano e o meio de vida). Nosso primeiro desafio foi tentar comunicar parte do que havíamos alcançado, tal como a noção fenomenológica estar-em-paisagem, o que tentamos da seguinte forma:

Paisagem é o aqui, o que nos rodeia, somos parte dela. Não é um lugar lá longe que a gente olha à distância e que às vezes é agradável à visão. A paisagem é nossa presença como parte dela e da comunidade que a modificou ao longo do tempo; não é só a natureza mais ou menos preservada, é uma espécie de desenho traçado a várias mãos, rasurado, refeito, um desenho de muitas camadas resultante da natureza em conjunção com nossa vida e nosso trabalho como parte dela. Para o bem ou para o mal.

Conhecer a paisagem da qual somos parte e que faz parte de nós, aprender a apreciá-la, a se orgulhar dela pode inspirar em nós o desejo de cuidar. Por outro lado, se não for mais possível gostar dela como está, conhecê-la e criticar também pode nos inspirar a cuidar, a buscar sua recuperação para o bem comum.

Cuidar não só da natureza, flora e fauna, rios, formações geológicas... não só das heranças históricas... mas cuidar de nós mesmos e de nossa comunidade. Cuidar porque pertencemos à comunidade humana e natural, à paisagem, ao todo (Próxima paisagem, 2022).

O compromisso com um projeto de extensão institucional sobrecarregou inicialmente os artistas e extensionistas pesquisadores, já que o que era uma intenção extensionista para os grupos anteriores, tornou-se um imperativo para o “3º Grupo próxima paisagem”. Em se tratando de arte, o que seria extensão? Desde a nossa primeira escuta da comunidade, tentamos, mas não evitamos, ouvir o lugar comum quando se fala em aula e artes: “ensinar a desenhar”, “ensinar a pintar”, “ocupar as crianças” *etc.* Seria mesmo adequado ensinar alguma “habilidade útil”, alguma técnica de produção artesanal *etc.* de maneira totalmente descolada do contexto e da nossa proposta de suscitar imagens alternativas ao termo trabalho? A questão seria formar um público das artes? Nesse ponto, manifestou-se o nosso esforço de sensibilizar a comunidade a partir de práticas artísticas, poéticas e lúdicas.

O 3º Grupo se sentiu pressionado e motivado a estabelecer uma troca real e bilateral de conhecimentos entre universidade e comunidade, evitando a posição de transmissores de técnicas ou de curadores de formas e significados. A proposição de aulas abertas surgiu dessa necessidade. Mas o que seriam?

Em uma tarde nublada que arrefeceu o calor excessivo que pautava a vida belo-horizontina naquela ocasião, ocorreu um diálogo entre os integrantes do 3º Grupo, reunidos em videoconferência, acerca das experiências deles quando crianças estudando arte:

Como aluno da educação básica, não sei se aprendi muito; decorar era um método de ensino e eu aderi também para passar o tempo... decorei diversas mesas e paredes com desenhos e rabiscos, assim como decorei fórmulas matemáticas. As fórmulas, usei para passar em provas; os desenhos para reivindicar algum tipo de espaço (Bernardo Corrêa, 2022).

As aulas de educação artística me propiciaram a significativa experiência de dizer, com minhas próprias palavras, acerca dos conteúdos apresentados nos livros didáticos de História; conteúdos que devíamos memorizar para reproduzir (Fabíola Tasca, 2022):

Neste diálogo, aludimos a métodos pedagógicos que privilegiam os fins em detrimento dos meios, os resultados (conteúdos) em sacrifício dos processos, e é possível perceber como distintas trajetórias escolares, mesmo separadas por décadas, apresentam muitas semelhanças. Em perspectiva, uma semelhança importante é o papel que o ensino da arte teve nesses futuros artistas: uma espécie de estratégia libertadora individual. Com as aulas abertas, nossa intenção não era, entretanto, substituir ou complementar o ensino de arte na escola fundamental.

Em 2011, Eileen Adams ministrou o curso *Drawing to Learn*, no I Simpósio Internacional “Estratégias do Ensino da Arte Contemporânea em Museus e Instituições Culturais – Espaços da Mediação”, no MAC/USP. Tendo participado do curso, Hélio Nunes nos relatou as experiências de Adams no projeto de promover o desenho como uma maneira de criar conhecimento¹⁰: não se tratava de ensinar a desenhar, nem de desenhar para figurar algum conhecimento, mas de criar conhecimento por meio do desenho, desenhar para aprender. Ela chamava o projeto de “pesquisa de ação”, que consistia basicamente em convocar as comunidades para desenhar, fornecendo local, assistentes, meios, materiais e proposições para que a experiência fosse uma verdadeira festa de desenhacão, sempre deixando os participantes controlarem o próprio processo individual e coletivo de descoberta (Adams, 2011, p. 21-36). Guardadas as proporções entre um projeto realizado na Europa e a realidade da comunidade do Córrego do Bação, foi uma inspiração.

¹⁰ Hoje, uma série de iniciativas reunida no *The Big Draw* (2023).

Métodos, expectativas, problemas e revisões

Com o projeto “Vida, paisagem e trabalho”, buscamos, então, convocar outras premissas pedagógicas, e discutimos acerca do uso da expressão aulas abertas, concluindo que com ela gostaríamos de nos referir tanto ao espaço onde as aulas seriam propostas – ao ar livre e abertas à participação diversa – quanto à atitude de abertura que queríamos abraçar. Como já foi dito, a questão era colocar em relação os termos em conjunto com os moradores do Córrego do Bação, sem, entretanto, ocupar um lugar de patrono, curador ou veiculador de conhecimentos ou técnicas. Tratava-se de um compromisso emancipatório:

A lição emancipadora do artista, oposta ao termo à lição embrutecedora do professor, é a de que cada um de nós é artista, na medida em que adota dois procedimentos: não se contentar em ser homem de um ofício, mas pretender fazer de todo trabalho um meio de expressão; não se contentar em sentir, mas buscar partilhá-lo. O artista tem necessidade de igualdade, tanto quanto o explicador tem necessidade de desigualdade. [...] Pode-se, assim, sonhar com uma sociedade de artistas. Tal sociedade repudiaria a divisão entre aqueles que sabem e aqueles que não sabem, entre os que possuem e os que não possuem a propriedade da inteligência. Ela não conheceria senão espíritos ativos [...] (Rancière, 2010, p. 104).

No decorrer do processo de pesquisa, recorremos a textos adicionais que nos demonstraram que vida e trabalho são, na verdade, parte primordial do próprio conceito de paisagem. Recorremos principalmente a Besse (2014) e Dardel (2015). Com isso, tornou-se secundária a noção mais corrente de paisagem, a da distância, a do exterior da janela, aquela que vem logo à mente quando pensamos em paisagem na história da arte. Não caberia, portanto, uma proposta de aula tal como “vamos nos sentar, preparar nossos cavaletes e desenhar a paisagem”. A abertura das aulas abertas estava também na abertura da noção de paisagem.

Encaminhamos uma carta à recém-eleita diretoria da Associação Comunitária do Córrego do Bação e instalamos uma faixa entre duas palmeiras, convidando para uma roda de conversa no salão comunitário e colocando publicamente a pergunta: “Vamos construir aulas abertas?”.

Figura 2 – Faixa “Vamos construir aulas abertas?”, instalada entre duas palmeiras, em dezembro de 2022. No primeiro plano, material para construção ou restos de uma construção. Ao fundo, o pontilhão



Fonte: Fotografia de Bernardo Corrêa (2022).

O verbo construir aludia ao que se encontra em profusão no vale do Córrego do Bação: areia, brita, cimento, ferragens *etc.* moldam e transformam a paisagem sem que nada pareça realmente concluído, exceto, o pontilhão, talvez. Não há muita distinção entre construção em andamento, entulhos e ruínas em vários locais; inclusive, onde instalamos a faixa.

Mas o verbo construir tinha mesmo era a intenção de resgatar algo do método construtivista, que enfatiza a experiência pessoal e a participação dos educandos em sua própria educação. Nossa intenção era dar início a um processo colaborativo entre o “3º Grupo próxima paisagem” e os habitantes. Planejamos receber as pessoas, principalmente os adultos, pedindo que fizessem a doação de uma pergunta, buscando iniciar um processo de aprendizagem por livre escolha¹¹. Haveria uma dinâmica com uma cartola, um sorteio e o desejo de uma conversa coletiva. Todavia, como os acontecimentos sempre superaram os planejamentos, compareceram muitas crianças que conosco desenharam, conversaram e jogaram futebol. Bernardo Corrêa e José Lara assumiram a posição de goleiros em um jogo espontâneo que transcorreu com

¹¹ “a ‘aprendizagem por livre escolha’ é todo tipo de aprendizagem que pode ocorrer fora da escola, especialmente em museus, centros de ciências, organizações comunitárias e nas mídias impressa e eletrônica (incluindo a Internet). Na ‘aprendizagem por livre escolha’, o interesse e a intenção do aprendiz têm origem no indivíduo, logo não é imposta por elementos externos, como ocorre na escola” (Marandino, 2017, p. 811-816).

vitalidade. Com as crianças, compareceram alguns poucos adultos, e com eles, dialogamos acerca de educação, desenho, cultura, trabalho e vida no Córrego do Bação.

Os diálogos com os adultos trouxeram como questões relevantes: a pertinência de que se buscasse ensinar práticas artesanais às mulheres da região, com o intuito de fomentar renda e ocupação; o reconhecimento do desenho como uma prática nutritiva para a concentração mental e física das crianças, constituindo referência educativa, por distanciá-las do apelo de bebidas alcoólicas e de jogos de azar; a possibilidade de que o salão comunitário fosse decorado com imagens figurativas representativas para a cultura da região, como fogão a lenha, o pontilhão e o trem de ferro.

A partir da presença dos moradores, do jogo de futebol, dos desenhos realizados pelas crianças, das questões relevantes mencionadas nos diálogos que entabulamos, da nossa escuta como artistas e extensionistas pesquisadores, elaboramos, enfim, uma proposição para as aulas abertas, partindo do entendimento do espaço comunitário como espaço físico e simbólico para o bem comum. Queríamos contribuir para o soerguimento do salão comunitário, o qual encontramos em situação concomitante de abandono e de esforço para a sua recuperação, então, projetamos que as aulas abertas culminariam em um gesto coletivo de embelezamento e cuidado com a edificação.

Figura 3 – Desenhos que encontramos no salão comunitário em setembro de 2022, em uma visita preparatória



Fonte: Fotografia de Hélio Nunes (2022).

Compreendendo o desenho como forma de conhecer, de conhecer a si mesmo e de mediar o convívio social, imaginamos a transferência dos desenhos feitos pelas crianças e jovens da comunidade durante as aulas abertas para as paredes externas do salão comunitário como uma ação que reuniria o 3º Grupo e a comunidade em geral em colaboração. Todavia, as pressões de nosso cronograma, aliadas a diversas contingências, dificultaram os encontros necessários para que o curso dos acontecimentos favorecesse a realização dessa proposição. Além disso, alguns diálogos revelaram que a diretoria da Associação Comunitária preferia mais desenhos nossos (“dos artistas”) aos das crianças e dos jovens.

Muito saiu fora do planejado, e a literatura de extensão em artes que consultamos não nos ajudou muito. Os contextos socioeconômico e comunitário do Baçõ são comuns no Brasil, mas parece incomum serem alvos de projetos de extensão em artes. Além disso, o momento vivido pelo país era muito peculiar: ainda havia necessidade de distanciamento por causa da pandemia, mesmo no fim dela, e havia desconfiança da comunidade em relação a nós¹². Mas saiu fora do planejado principalmente por causa do ineditismo de nossa proposta. Em perspectiva, era isso mesmo o que iria acontecer, e foi salutar: estava claro que evitar a postura de patronato era a única forma de construir aulas abertas, principalmente naquele contexto adverso.

Então, o protagonismo do desenho, um meio direto, acessível e familiar nutriu nossos esforços de diálogo e de presença na região. Inclusive, chegamos a cogitar que a nossa simples presença como “artistas fazendo o que artistas fazem” seria uma espécie de extensão naquele contexto social e político. Foi – como se diz: “baixando a bola” – que chegamos à proposição para as aulas abertas como um convite para que desenhássemos todos ao ar livre no espaço da futura praça do Córrego do Baçõ.

O convite foi publicado por meio de outra faixa, também instalada entre as duas palmeiras, trazendo a pergunta: “Vamos desenhar ao ar livre?”, e mencionava o agendamento de dois domingos e um feriado, no período da manhã. Vieram as crianças e alguns de seus familiares adultos¹³. Esse era nosso público de interesse, e quem decidiu isso foi a comunidade, não havia escapatória. No final, foi ótimo.

¹² Uma litania: contexto pós-pandemia. Graças ao auge, naquele momento, das políticas difamatórias: desconfiança em relação à universidade, em relação a artistas, em relação à arte. Polarização política; período eleitoral; tentativas de atrelar o projeto a fins eleitorais...

¹³ Foi interessante notar como esses familiares adultos, quase sempre mulheres, se revezaram durante toda nossa presença: houve a avó de uma das crianças e que era respeitada, sem titubear, por todas as outras, sempre; houve a irmã mais velha, que participava ativamente, que aparentava ser adulta, mas tinha apenas 13 anos, descobrimos depois; houve a tia que não era tia de ninguém, mas era de todos. Em outro texto, será interessante abordar a manutenção de uma postura extremamente cordial entre as crianças e delas conosco, inclusive, na disputa do futebol, graças à presença dessas figuras femininas.

Não abdicamos, em nosso horizonte de expectativas, da intenção de agirmos desde didáticas que, atentas aos processos, buscassem conferir autonomia aos participantes. Conscientes da importância de prestarmos atenção ao discurso de poder implicado na atuação dos educadores/mediadores, buscamos alimentar a imaginação dos participantes, orientando-os, conforme o interesse que manifestavam, acerca de como os materiais disponibilizados poderiam ser utilizados. Não colonizar o outro, eis a atitude pedagógica que buscamos abraçar, constituindo para as aulas abertas uma disposição de acolhimento e de escuta na construção de um espaço aberto à participação espontânea.

A prática

Uma mesa portátil inspirada na “Mesa de Thereza” (Malheiro, 2023), dica dela, essencial. Escolhemos materiais cotidianos do desenho: papéis, lápis de cor, gizes de cera, lousa cavalete, giz, canetinhas, carimbos, tintas guache, pranchetas. Para a ambientação: colchas de tear, esteiras de palha, cadeiras, livros, revistas. Para expor: varais de corda entre galhos de árvore. Confeccionamos alguns dados de papel e nas faces escrevemos chão, comida, trabalho, diversão etc. Tudo isso, suportes e materiais básicos e acessíveis que estimulavam a imaginação e a vontade de brincar dos participantes. Buscando ainda mais o lado lúdico, produzimos no ateliê várias folhas do que alguns chamam de papel mágico para a prática do esgrafito: desenhos coloridos cobertos de tinta opaca que, quando raspados, revelam o fundo colorido, formando um novo desenho. Sob demanda, fizemos com os participantes mais papéis mágicos e instrumentos para raspar com gravetos de árvores que estavam ao redor.

Figura 4 – Instauração da segunda aula aberta, em 13 de novembro de 2022



Fonte: Fotografia de Hélio Nunes (2022).

Com todos esses elementos, criamos ambientes que acolheram os participantes e que impulsionaram a vontade de desenhar. Os materiais disponíveis, nossa presença como artistas e a participação instauraram as aulas abertas como ateliês coletivos sem paredes. Nenhuma criança, jovem ou adulto dirigiu a nós qualquer demanda por ensinamentos técnicos, apenas demonstraram atenção ao que dizíamos, ao que fazíamos e tal dinâmica reforçou nossa intenção de estar-juntos.

Uma atitude professoral, curatorial ou patronal naquele momento seria impensável: surgiu uma dinâmica autônoma de produção de desenhos, de acontecimentos e de conhecimentos que já não dependiam de nossa intervenção direta, tão somente de nossa presença juntos e dos ambientes criados ali. Foi momentâneo, o que faz parte da abertura que quisemos construir¹⁴, mas foi sem dúvida significativo. Talvez a experiência mais significativa da arte seja a imagem que permanece. A imagem que permanece de nossa extensão foi a da abertura.

Testemunhamos bonitas circunstâncias de envolvimento com o desenho. Houve uma situação na qual um garoto transmitiu de forma autônoma aos seus amigos mais novos as proposições as quais o grupo estava trabalhando. Eles se acomodaram com delicadeza sobre uma colcha de tear, e o garoto, espontaneamente, orientou os demais sobre o uso do papel mágico; depois, ele pegou outras folhas de papel e materiais, já sem nos perguntar nada, e todos continuaram desenhando.

Foi surpreendente a disposição que os meninos demonstraram para o exercício do desenho quando o tema era a prática do futebol: em intenso diálogo entre eles, desenharam coletivamente escalões, logotipos e brasões, com muito envolvimento pessoal, algumas rixas, mas também se dispendo ao consenso.

Houve a realização colaborativa de desenhos conosco, por meio de uma dinâmica lúdica e espontânea, na qual partilhavam-se composições. Destacou-se a grande participação das meninas, atentas a todas as proposições e cuidando para que os meninos se comportassem. Elas acompanhavam a programação à risca, chegavam na hora e nos ajudavam a recolher o material ao final. Se empolgaram com o uso dos carimbos que levamos; ouviram atentas a leitura de poesia; e desenharam bastante.

Na companhia uns dos outros, fizemos desenho cego, *frottage*, duelo de retratos, desenhos a quatro mãos, ouvimos o som da passagem do trem e percebemos que, depois que ele atravessa o vale, a paisagem sonora já é outra. Ouvimos de um desenhador que o desenhar

¹⁴A comunidade tem suas horas: a hora do almoço, a hora do futebol, a hora dos adultos ocuparem aquele lugar para jogar truco.

pode serenar. Ouvimos um menino afirmar que os restos de tinta sobre os papéis poderiam constituir expressão artística, mesmo sem planejamento. Houve quem se lembrasse da “Ação para fazer e soltar pipas e papagaios”, proposição do 2º Grupo, em 2019. Houve quem fizesse retratos de quase todos nós, quem não quisesse desenhar, quem quisesse conversar, quem, desenhando, dissesse não saber desenhar. E até quem trouxesse os próprios bordados, prometendo nos ensinar a bordar.

O que permanece

Todas essas situações demonstraram o entendimento de que arte e educação constituem territórios fundantes da dimensão do comum¹⁵. Impôs-se, então, uma hipótese, que passou a direcionar as ações do 3º Grupo: o desenho é meio expressivo, linguagem pertinente e eficaz para instaurar uma vivência comunitária.

O desenho exige poucos materiais, é o meio plástico mais direto, básico e complexo ao mesmo tempo, como as inúmeras noções de traço na semiótica nos revelam. Ele pode ser feito em quase tudo e em quase todas as situações e lugares.

Todos nós do 3º Grupo mantemos afinidade com a prática do desenho em nossos processos criativos enquanto artistas, e a escolha do desenho como estrutura das aulas abertas foi uma contingência. Mas foi principalmente uma forma de abertura à experiência pessoal dos participantes; todo mundo já desenhou na vida e desenhar é fundamental:

Desenhar é fundamental para o ser humano – tão fundamental quanto andar e falar. Pois sempre que andamos ou falamos, gesticulamos com nossos corpos, e na medida em que esses gestos deixam vestígios ou pistas, na terra ou em alguma outra superfície, linhas são desenhadas (Ingold, 2015, p. 357).

Como já foi ressaltado, nossa intenção nunca foi ensinar a desenhar, nem usar o desenho como forma de transmitir saberes estabelecidos, mas usar o desenho para produzir algo, alguma situação, algum envolvimento e até algum conhecimento. Como já foi dito, o 3º Grupo estava envolvido em um projeto de pesquisa acadêmica em artes e estava se aprofundando no estudo da paisagem, em discussões teóricas que seriam inexecutáveis fora da academia. Com a extensão, esperávamos uma troca de saberes e ela houve, graças ao desenho.

¹⁵ Antônio Nóvoa e Yara Alvim abordam o ponto quando mencionam que a “educação deve ser vista, acima de tudo, como uma forma de produzir o comum, aquilo que, valorizando as diferenças, nos faz pertencer a uma mesma humanidade. [...] Aprender e estudar em comum é a melhor forma de promover uma vida em comum, uma sociedade convivial” (Nóvoa; Alvim, 2021, p. e249236).

Edith Derdyk (2020) indaga como o educador poderia tornar-se sensível ao universo gráfico infantil, de maneira a não negligenciar a expressividade das garatujas e dos rabiscos das crianças. Derdyk considera que, a partir do reconhecimento da própria capacidade de desenhar, talvez possa surgir um reencontro entre o adulto e a criança. Acrescenta ainda que: “A educação especializada, profissionalizante e técnica, que se instala já nos primórdios da via-crúcis escolar da criança, favorece a instituição da dissociação entre o pensar e o fazer, teoria e prática, conceito e ação” (Derdyk, 2020, p. 29).

Aquele diálogo citado sobre nossas experiências quando crianças e da arte como estratégia libertadora individual ganhou concretude e amplitude para nós nas aulas abertas. O que nós, artistas e extensionistas pesquisadores, recebemos da comunidade do Córrego do Bação, principalmente das crianças, foi além das constatações que fizemos a partir dos trabalhos produzidos. Muito além de verificar a seriedade das meninas, ou como os meninos se engajam a partir do futebol, ou como reverenciavam a perigosa prática do “grau” em motocicletas, por exemplo. Essa comunidade tão cheia de dialéticas, mormente aquelas impostas pela exploração minerária, nos ensinou a importância da comunidade no estar-em-paisagem. O estar-junto desenhando acabou significando para nós uma prática emancipadora na paisagem ameaçada.

O que a comunidade recebeu de nós, temos certeza, foi nossa abertura, nossa vontade de estar-junto e o aprendizado de que o desenho nos reúne de forma lúdica e comunitária. Por exemplo, na última Festa das Crianças promovida pela comunidade, houve uma oficina de arte organizada por eles mesmos. Eles nos chamaram, mas não pudemos comparecer.

É difícil saber em qual grau as aulas abertas foram práticas libertadoras para a comunidade também. Mas, na prática artística, alguma imagem sempre permanece. Com as aulas abertas, habitamos o Córrego do Bação enquanto partícipes da paisagem. Ailton Krenak e Tim Ingold (2015) foram nossos guias, nos conduzindo a uma percepção ampliada do espaço e do tempo. Em diversos textos, eles convocam a perspectiva animista para confrontar a maneira como o pensamento ocidental compreende a vida. O diálogo já comentado acerca da interrupção das viagens do trem alude a essa compreensão ocidental acerca da vida, um entendimento avesso à ideia de vida como fruição, tal como apresenta Krenak (2020) em *A vida não é útil*. Também Ingold (2015) procura dissolver a ideia ocidental de que o mundo constitua uma superfície inanimada a ser ocupada pelos seres vivos e, citando Merleau-Ponty, aproxima a figura do pintor da percepção anímica do mundo:

A relação do pintor com o mundo, escreve Merleau-Ponty, não é simplesmente “físico-óptica”. Ou seja, ele não contempla um mundo que seja

finito e completo, e prossegue formando uma representação dele. Em vez disso, a relação é de “nascimento continuado” (Ingold, 2015, p. 154).

Esse “nascimento continuado” implica um “domínio de emaranhamento”, no qual um organismo é representado com uma linha e não como uma forma fechada em si mesma e separada do meio ambiente. Ingold (2015) valoriza a ontologia anímica, para a qual “os seres não ocupam simplesmente o mundo, eles o habitam e, ao fazê-lo – costurando seus próprios caminhos através da malha – contribuem para a sua trama em constante evolução” (Ingold, 2015, p. 159). Nessa perspectiva, imaginamos como seria se nossa interação com os habitantes pudesse ampliar o entendimento deles e o nosso acerca da noção de trabalho como sustento, em direção à compreensão do trabalho como ação no mundo. Aventamos maneiras possíveis para uma comunicação eficaz e consideramos que ela poderia, inclusive, não partir do discurso, mas da prática de gestos e atitudes.

“Desenhar é fundamental”, diz Ingold (2015, p. 357). Entretanto,

a sociedade ocidental contemporânea atribui pouco valor ao desenho, e aqueles que foram educados em seus valores ficam felizes em admitir não só que “não são capazes de desenhar” (apesar de o serem e o fazerem), mas também que não haja nenhuma razão específica para qual devessem sê-lo. [...] Trata-se de uma atividade infantil. Com a escrita, obviamente, se passa o contrário (Ingold, 2015, p. 357).

Para o senso comum ocidental, principalmente hoje, não há razão para desenhar quando se pretende, por exemplo, uma descrição: o texto cumpre essa função muito bem e, se for necessária uma ilustração, uma imagem auxiliar, temos todos no bolso ótimas câmeras. Sim, “[o] desenho, na medida que persiste, parece um sobrevivente, tornado mais ou menos obsoleto pelo teclado e a câmera” (Ingold, 2015, p. 358). Mas a desqualificação do desenho vem de muito tempo, é característica da Era Moderna (Foucault, 2002), mas ocorre desde a Antiguidade. Segundo Ingold (2015, p. 358):

Trata-se de uma visão que entende a fabricação como um *projeto*, pelo qual uma ideia, já moldada na imaginação, é realizada em um substrato material pré-preparado para recebê-lo. Assim, no desenho, supomos que a mente projete uma imagem em papel [...] a imagem desliza como uma transferência da mente para a página.

A frustração do senso comum com o desenho vem dessa noção fantasiosa de projeto. E a frustração que narramos com nosso próprio projeto também: “Muito saiu fora do planejado”,

dissemos anteriormente, justificando tratar-se de consequência do ineditismo. Mas não foi apenas isso.

Para construir aulas abertas, estivemos também enredados em um processo de fabricação como projeção, ao menos no início; e fabricação como projeção é uma fantasia comprovada cotidianamente¹⁶. De maneira distinta, Tim Ingold (2015, p. 359) relaciona a fabricação ao conceito de malha:

na prática, a fabricação é menos uma questão de projeção do que de *encontro*, mais análoga, talvez, à costura ou à tecelagem do que ao tiro ao alvo. Ao fabricarem coisas, os praticantes vinculam os seus próprios caminhos ou linhas de devir à textura do mundo. Trata-se de uma questão não de impor forma à matéria, [...] mas de intervir nos campos de força e fluxos de material onde surgem e são sustentadas as formas das coisas. Assim, a criatividade do fabricar encontra-se na própria prática, em um movimento de improvisação que realiza as coisas enquanto prossegue.

Em abril de 2022, nos detivemos na leitura do parecer que o projeto “Vida, paisagem e trabalho” havia recebido. A avaliação foi em geral desalentadora, destacando como pontos negativos: o escasso número de interações dialógicas, o objetivo difuso, a falta de detalhamento acerca do público de interesse, o baixo potencial de transformação e a falta de um artigo de divulgação final¹⁷. A percepção do parecerista foi, em geral, tratar-se mais de um projeto de pesquisa do que de extensão.

Naquele momento, o “3º Grupo próxima paisagem” não encontrou forças para ir além de “ao menos, foi um aprendizado sobre como fazer um projeto de extensão”. Não conseguimos evitar a *doxa* da projeção. Mas o projeto foi aprovado, afinal. Ele prosseguiu e só porque prosseguiu pudemos construir aulas abertas com a criatividade do fabricar, que, inclusive, pode nos remeter a uma imbricação da pesquisa com a extensão não no sentido de transmissão do pesquisado, mas de uma extensão como pesquisa que é também extensão, indissociáveis.

Foram poucas horas de aulas abertas, sim. Mas nunca se propôs um curso com carga horária X ou Y. Todo o processo de construção das aulas abertas já era aula aberta. Todo o estar-junto enquanto pesquisávamos e produzíamos nossos próprios trabalhos lá já era aula aberta. Embora o primeiro planejamento que fizemos para as aulas abertas – a carta para a Associação, a faixa, a dinâmica com uma cartola etc. – não tenha alcançado uma dimensão

¹⁶ Por exemplo, no desenvolvimento de *software*: por muitos anos, a fase de projeto demandava mais recursos e tempo que a implementação em si e nunca, nunca mesmo, garantia a qualidade do produto. Havia muita criação de gráficos, relatórios e documentações, mas pouco *software* e muitos *bugs* e atrasos, conforme Sutherland (2014).

¹⁷ Falta que reparamos com este texto.

colaborativa com os adultos, tal como idealizamos, prosseguimos na construção e, hoje, em perspectiva, nos parece pertinente dizer que os encontros entre o “3º Grupo próxima paisagem” e os habitantes do Córrego do Bação instauraram uma espécie de comunidade temporária, na qual o desenhar se afirmava não só pela ação de marcadores sobre papéis, como também pelos laços que se faziam entre os artistas-educadores e os habitantes-participantes.

Figura 5 – Terceira aula aberta



Fonte: Fotografia de Hélio Nunes (2022).

Concluimos a segunda aula aberta, propondo aos participantes realizarmos a terceira e última aula aberta do ciclo com uma exposição dos desenhos no salão comunitário. Embora tenham manifestado adesão à ideia, poucos compareceram, provavelmente desmotivados pela chuva insistente, que, com generosidade, molhava a vegetação. O reduzido número de pessoas que compareceu ao salão comunitário não foi razão para negligenciarmos o esmero com o evento. Os visitantes desenharam enquanto a montagem dos desenhos acontecia, e os desenhos iam sendo afixados na parede. Uma criança levou desenhos que fez em outras ocasiões para nos mostrar, e esses desenhos também foram parar na parede da exposição. Ao final da mostra, cada um pôde levar consigo os desenhos que escolheu, como recordação.

Sentimos ter mudado algo na comunidade e em nós com essa primeira experiência extensionista. Entretanto, não queremos desprezar o questionamento do parecer acerca do potencial do projeto para transformar uma realidade social. Tal questionamento coloca sobre a mesa nossas próprias dúvidas acerca de como nos movemos no território da prática

extensionista, e nos convida a avaliarmos acertos e erros com o percurso que estamos a trilhar. Como ponto de partida, o poder emancipatório da arte e da educação. Emancipação que compreendemos como diretamente relacionada ao incremento da vida cultural da região. Nosso ponto de partida, nosso ponto de chegada: o entendimento de que a vitalidade cultural de uma região fortalece seus anticorpos, sua capacidade de resistência e de afirmação diante das ameaças ao bem comum.

As aulas abertas que o projeto “Próxima paisagem: escola de arte provisória” como parte do projeto de extensão “1º próxima paisagem Festival: cultura, arte e educação pelo Córrego do Bação”¹⁸, reúnem-se às ações poéticas de todos os “Grupos próxima paisagem”, desde 2014, com o intuito de nutrir e insuflar a vida cultural do Córrego do Bação.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, E. Power drawing. *In*: ARANHA, C. S. G.; CANTON, K. (org.). **Espaços da mediação**. São Paulo: PGEHA; Museu de Arte Contemporânea da USP, 2011. p. 21-36.
- BESSE, J. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Panda Educação, 2020.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- INGOLD, T. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MALHEIRO, F. Artista plástica organiza mesa coletiva no centro para partilhar café e memórias. **O Tempo**, Belo Horizonte, 5 de agosto de 2023. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/artista-plastica-organiza-mesa-coletiva-no-centro-para-partilhar-cafe-e-memorias-1.3120111>. Acesso em: 4 out. 2023.
- MARANDINO, M. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal? **Ciência & Educação**, Bauru, v. 23, n. 4, p. 811-816, 2017. DOI 10.1590/1516-731320170030001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/cmjvH7v4mFZMsdjV5bWLJfM/?lang=pt#>. Acesso em: 4 out. 2023.

¹⁸ PAEx/UEMG, Edital n. 1/2023.

NÓVOA, A.; ALVIM, Y. C. Os professores depois da pandemia. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 42, 2021. DOI 10.1590/ES.249236. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/mvX3xShv5C7dsMtLKTS75PB/>. Acesso em: 4 out. 2023.

PROJETO MANUELZÃO. Conselho muda voto e autoriza terminal minerário ao lado de São Gonçalo do Bação, distrito bicentenário. **Projeto Manuelzão**, Belo Horizonte, 17 de maio de 2022. Disponível em: <https://manuelzao.ufmg.br/conselho-muda-de-ideia-e-autoriza-terminal-minerario-ao-lado-de-sao-goncalo-do-bacao-distrito-bicentenario/>. Acesso em: 13 jun. 2023.

PRÓXIMA PAISAGEM. **próxima paisagem**: escola de arte provisória. Disponível em: <https://proximapaisagem.tumblr.com/>. Acesso em: 4 out. 2023.

PRÓXIMA PAISAGEM. [Tentativa de comunicar estar-em-paisagem]. **WhatsApp**. [Grupo próxima paisagem notícias]. 12 nov. 2022.

RANCIERE, J. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SUTHERLAND, J. **Scrum**: a arte de fazer o dobro do trabalho na metade do tempo. Tradução de Natalie Gerhardt. São Paulo: LeYa, 2014.

THE BIG DRAW. **The big draw**: the world's largest drawing festival. Disponível em: <https://www.thebigdraw.org>. Acesso em: 4 out. 2023.

Submetido em 7 de fevereiro de 2024.

Aprovado em 10 de julho de 2024.